

# CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

A seção *Conversa com o artista* constitui uma reformulação das tradicionais seções dedicadas à capa e ao artista na Revista Areia. Esta proposta surge com o objetivo de construir um espaço mais intimista e expandido, que possibilite não apenas a apreciação da obra, mas também o aprofundamento no percurso criativo e na trajetória de seus autores.

Ao ampliar esse espaço, busca-se valorizar de modo mais expressivo os artistas que colaboram com a revista, especialmente neste momento em que as produções visuais passam a integrar não apenas a capa, mas também o layout editorial. Trata-se, portanto, de um gesto de reconhecimento à centralidade da dimensão estética na constituição do projeto da revista.



# CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026



Alice Guedes é artista visual alagoana. Mulher negra e lésbica, nasceu e foi criada entre as terras e as águas de Alagoas. Desenvolve trabalhos em artes digitais, colagens e pinturas em tinta acrílica e aquarela, que registra em seu perfil no Instagram (@ali.naesquina). Artista selecionada na 77ª edição do Salão de Abril (Fortaleza, CE). Graduada em Letras-Português, também se reconhece nas práticas culturais que atravessam seu cotidiano e sua produção artística: é batuqueira de maracatu, entusiasta do samba, do coco de roda e dos banhos de mar, mantendo na ancestralidade uma importante fonte de inspiração para sua criação.

9

A artista é responsável pela ilustração da capa do 9º volume da Revista Areia, publicação do PET Letras da Universidade Federal de Alagoas. Inspirada no conto O Livro de Areia, de Jorge Luis Borges, a imagem parte da areia como metáfora de continuidade e infinitude, articulando também reflexões sobre circularidade do tempo, em diálogo com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos.

Na composição, mãos negras sustentam um pequeno território de areia que reúne elementos da paisagem de Maceió, como a jangada e a referência ao Gogó da Ema, evocando relações entre memória, território e cotidiano.

A entrevista a seguir foi realizada por e-mail, como parte das ações de divulgação da capa desta edição da revista. Nela, Alice Guedes comenta sua trajetória artística, o vínculo com o PET Letras e o processo de criação da ilustração desenvolvida para a Revista Areia.



**Isadora da Silva:** Você mencionou que, ainda durante sua trajetória como petiana no PET Letras, já nutria o desejo de ilustrar uma capa da Revista Areia. Como foi receber agora esse convite e retornar ao projeto da revista a partir do lugar de artista convidada?

**Alice Guedes:** Para mim, o PET sempre teve uma carinha de casa. Sair do Programa para ingressar em outros projetos foi um movimento muito gostoso, mas minha ideia sempre foi continuar colaborando com o PET de outras maneiras. Em 2022, quando ingressei como petiana, lembro de ter me empolgado muito com o edital de capas da Revista Areia, até ler com calma e perceber que os petianos de Letras não podiam participar da seleção. Daí para frente tivemos capas belíssimas até o grupo optar por convidar artistas para as ilustrações. Mas, para falar a verdade, nem imaginei que seria convidada para esse momento tão bonito da Revista, foi uma surpresa, no melhor dos sentidos. Lembro de reler "O Livro de Areia", de Borges, todas as vezes que abríamos o edital para ilustração da capa, pensando como eu faria a arte, se fosse selecionada. É um sonho delicado que tomou forma. Eu sigo muito feliz com o convite e com a parceria que resultou na capa deste volume da Areia.

**Isadora da Silva:** Ao longo da sua formação em Letras e da sua atuação artística, de que maneira as experiências vividas no PET Letras dialogam com o seu percurso criativo hoje?

**Alice Guedes:** Costumo afirmar que o PET foi uma segunda graduação dentro do curso de Letras, porque sinto que minha formação foi mais completa com os dois anos que passei no Programa. Tive a oportunidade de passar por diversas comissões, de mais burocrática à mais criativa; organizar projetos; integrar com outras dimensões da Faculdade de Letras e dos demais cursos da

# CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

Ufal, através dos outros grupos PET... ano passado, já como egressa, acompanhei o PET Letras no Encontro Nordeste dos Grupos do Programa de Educação Tutorial, em Fortaleza, e ampliei ainda mais o campo geográfico de influência do PET como programa nacional. Eu sempre tive espaço para criar enquanto petiana e isso deixou minha arte mais confortável para existir. A geração que entrou comigo no PET sempre me incentivou muito, em todos os sentidos. Com as artes não foi diferente. Hoje, com a Licenciatura em Letras e a experiência em organização de eventos e projetos que o PET me deu, estou como arte-educadora no Museu da Cultura Cearense, experiência que me permite colocar em prática as metodologias de ensino, que aprendi no curso, e o olhar atento e criativo para as demandas, que aprendi no PET Letras. Vez ou outra, quando quero sugerir uma ideia para meus colegas de trabalho, a experiência no PET é sempre minha bússola, revisitando nossa dinâmica de funcionamento, nossa organização, nossas ideias engenhosas... Os ensinamentos desses anos seguem atravessando minha caminhada e eu acredito que sempre irão seguir.

**Isadora da Silva:** A capa desta edição dialoga com referências literárias, entre elas o conto “O Livro de Areia”, de Jorge Luis Borges. De que maneira esse imaginário da areia — associado à continuidade, ao fluxo e à infinitude — entrou no processo de criação da ilustração?

**Alice Guedes:** Acho que a ideia da areia entrou no processo muito mais como uma sensação do que como uma referência direta a ser ilustrada. Quando penso no conto de Jorge Luis Borges me atravessa essa imagem de algo que nunca começa nem termina, que está sempre em movimento. Isso acabou guiando a composição de forma bem intuitiva. Com o tempo, essa imagem foi se encontrando com outras camadas, principalmente com essa ideia de continuidade e de fluxo que não se esgota. A areia deixou de ser só uma referência literária e passou a funcionar como um eixo mesmo da imagem. Algo que organiza, sustenta e conecta tudo.

**Isadora da Silva:** Na composição da imagem, as mãos formam uma espécie de ampulheta que sustenta um pequeno território de areia. Como surgiu essa solução visual e que sentidos você buscou explorar com esse gesto na capa?

**Alice Guedes:** A solução das mãos veio muito desse desejo de tensionar a ideia mais comum de tempo. A ampulheta é um símbolo muito marcado por uma lógica linear: o tempo que escorre, que passa e que, inevitavelmente, se esgota. Em vez de simplesmente reproduzir essa imagem, eu quis deslocar esse sentido. Quando as mãos entram, especialmente como mãos negras, elas mudam completamente essa leitura, pois não são mãos que deixam o tempo escapar, mas mãos que sustentam, que seguram e que, de certa forma, controlam esse fluxo. Existe uma intenção de pensar a negritude como esse lugar de continuidade, de quem mantém vivos saberes, memórias e modos de existir, mesmo diante de rupturas históricas. A ampulheta, então, deixa de ser um marcador de fim e passa a funcionar quase como um espaço de circulação. O tempo não está acabando ali, ele está sendo atravessado, cuidado e recriado. E acho que esse gesto também pode falar de território: essas mãos não estão só lidando com o tempo, mas sustentando um chão, uma paisagem, um mundo. No fim, a imagem tenta propor esse deslocamento de um tempo que escapa para um tempo que é segurado, transmitido e vivido coletivamente.

# CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

**Isadora da Silva:** O conceito da capa também dialoga com a ideia de circularidade do tempo, presente no pensamento de Antônio Bispo dos Santos. De que forma essa perspectiva influenciou a construção simbólica da imagem?

**Alice Guedes:** O pensamento de Antônio Bispo dos Santos foi muito importante pra deslocar essa ideia mais ocidental de tempo. A partir dessa noção de circularidade, fez mais sentido pensar a imagem não como algo que aponta pra frente, mas como algo que gira, que retorna e que se refaz. Isso influenciou tanto na forma quanto no conceito do círculo do sol, do movimento da areia e do próprio gesto das mãos. Tudo vai nessa direção de um tempo que não é linha, é fluxo. A exposição que estou mediando no Museu da Cultura Cearense é a "Quilombolas: tecendo territórios de liberdade". As curadoras, Cícera Barbosa e Joseli Cordeiro, utilizam muito dos pensamentos de Nego Bispo no espaço expositivo e eu me deparo, diariamente, com as falas deste pesquisador nas paredes do museu. Uma delas terminou sendo mais forte no processo da ilustração: "Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim." Essa frase acabou atravessando diretamente a forma como pensei a imagem. As mãos, o movimento da areia e o próprio território que se sustenta ali passam a existir dentro dessa lógica de continuidade, não como algo que começa e termina, mas como algo que se mantém em circulação. Acho que a ilustração tenta, de algum modo, materializar essa ideia de que há vidas, saberes e territórios que não se encerram, mas se refazem continuamente. Nesse sentido, a imagem se aproxima dessa noção de circularidade não só como conceito, mas como prática: um tempo que insiste, que retorna e que permanece.

**Isadora da Silva:** No centro da composição aparecem elementos da paisagem de Maceió, como a jangada e a referência ao Gogó da Ema. De que forma o território alagoano — suas paisagens, práticas culturais e memórias — atravessa o seu processo artístico?

**Alice Guedes:** Maceió atravessa tudo, porque é, antes de qualquer coisa, a minha casa mais bonita. É onde estão meus laços mais umbilicais e afetivos, de onde partem muitas das minhas referências e também o meu modo de olhar e construir imagem. Trazer o Gogó da Ema e a jangada das águas alagoanas foi uma forma de afirmar esse lugar não só como paisagem, mas como memória viva. Também tem um peso muito importante pensar que a Revista Areia se torna a primeira revista da área de Letras em Alagoas a alcançar o Qualis A1. Isso dá ainda mais sentido para a escolha de marcar o território alagoano na capa como um gesto de reconhecimento, de registro e de valorização de um lugar que produz conhecimento, pesquisa e pensamento. Maceió aparece, também, por ser a cidade que gesta o PET Letras e, por consequência, a própria revista. De algum modo, a imagem tenta dar conta disso: de um território que não é só cenário, mas origem e sustento.

**Isadora da Silva:** A paleta de cores da capa chama bastante atenção, combinando tons quentes com azuis intensos que atravessam a paisagem da imagem. Como você pensou essas escolhas cromáticas e que atmosfera desejava construir para a revista?

# CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

**Alice Guedes:** A paleta de cores nasce muito diretamente da paisagem de Maceió — principalmente desse encontro entre o céu e o mar, que sempre me chamou atenção pelos contrastes e pela intensidade. Os azuis entram desse lugar, mas não só como representação: eles ajudam a construir uma atmosfera de profundidade, de movimento, de algo que está sempre em fluxo. O alaranjado aparece como contraponto, criando essa relação de cores complementares que eu gosto muito de trabalhar. Além disso, ele também dialoga com uma continuidade visual da própria revista Areia, que já vem utilizando esses tons nas edições anteriores. Então tem um cuidado de manter essa identidade, mas também de resignificá-la dentro da proposta da capa.,

**Isadora da Silva:** Pensando no leitor que terá seu primeiro contato com a Revista Areia por meio dessa capa, que sensações ou ideias você gostaria de despertar?

**Alice Guedes:** Acho que a principal intenção é que o leitor sinta que está diante de algo que não se encerra na imagem, nem na própria revista. Que perceba a Areia como um espaço de circulação de saberes, de trocas e de continuidades. Quase como esse fluxo que a própria capa tenta construir. Também me atravessa muito a potência desse lugar de produção: uma revista Qualis A1 construída, em grande parte, por estudantes de graduação, por grupos como o PET, por pessoas que estão em formação, mas que já estão produzindo conhecimento, pesquisa e pensamento crítico. Tem uma força muito grande nisso. E aí entra também essa dimensão da ancestralidade, de entender que nada disso começa do zero. Que esses textos, essas pesquisas, essas produções estão apoiadas em muitos outros saberes, em muitas outras trajetórias, em muitas mãos que vieram antes e que continuam sustentando esse processo. No fim, eu queria que o leitor olhasse e sentisse essa potência: da criação coletiva, da universidade pública e, mais especificamente, da Universidade Federal de Alagoas como um espaço vivo, que produz, circula e transforma conhecimento.